

*Eleição Estadual*

# Baianos preparam as candidaturas para 90

24 SET 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

## A 14 meses da eleição, sucessão de Nilo Coelho desperta apetite em nove candidatos

CACO DE PAULA

Como a culinária, a sucessão baiana é pródiga em temperos, lenta no cozimento e implacável nas frituras. Nove



nomes compõem o variado cardápio de candidatos à cadeira que o governador Nilo Coelho deixará daqui a 14 meses. A maioria deles será triturada já em novembro, ao sabor dos resultados da eleição presidencial, quando os quatro nomes fortes da política estadual, controlada pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, o ex-governador Waldir Pires, o ex-prefeito Mário Kertész e o empresário Pedro Irujo definirem suas receitas para as alianças e indicações que farão em 1990.

Destes, apenas Kertész é declaradamente candidato. Adesivos com a marca MK-90 já circulavam pela Bahia antes mesmo que Leonel Brizola (PDT) forçasse a saída do presidente regional do partido para entregar a legenda ao ex-prefeito de Salvador, há três meses. O PFL baiano é mantido pelo ministro das Comunicações em banho-maria. Antônio Carlos tem repetido a amigos que nem ele nem seu filho, o deputado federal Luiz Eduardo Magalhães, deverão disputar o governo no ano que vem. Enquanto deixa a estrutura do partido trabalhar por Fernando Collor de Mello este ano, ACM mantém entre os pefelistas a crença de que seu nome para 90 é o do superintendente da Sudene, Paulo Souto. Nas mesmas conversas, ACM

admite se colocar como pretendente ao Senado.

É na frigideira do PMDB que o azeite deverá torrar alguns de seus cinco candidatos. Dois deles estão sendo bem tostados por Nilo Coelho: Sérgio Gaudenzi, ex-secretário da Fazenda, e Pedral Sampaio, secretário dos Transportes.

Sampaio controla verbas de 140 milhões de dólares para a construção de anunciados 2.000 quilômetros de estradas. Mas Nilo Coelho deu sinais de que controlará de perto o apetite de votos de seu secretário. Há poucas semanas, disse em Brasília, para quem quisesse ouvir, que gostaria de ter o empresário Norberto Odebrecht na sua Secretaria de Transportes. O convite não foi formalizado, mas Sampaio entendeu o recado. "Sou pretendente, mas não sou obstinado", engoliu.

O próprio Nilo Coelho ainda não se decidiu por nenhum nome para essa muqueca sucessória. Mas dá sinais de que poderá descongelar algum deles. No freezer há sete anos, quando perdeu as eleições depois de ter governado a Bahia pelo receituário da Arena, o ex-governador Roberto Santos acredita que pode ser, agora, o prato principal do PMDB: "Tenho um relacionamento muito bom com o governador e com as demais lideranças. Não me falta disposição para a disputa", observa.

Previdente, Nilo Coelho conta ainda com o PDC, formado por ele na Bahia antes das últimas eleições estaduais e frequentemente engordado por adesões, para funcionar como uma sigla sobressalente.

Dem bem com Nilo, com Waldir Pires e com razoável influência no partido, no uarto nome do PMDB é o do deputado federal Joaci Góes, cuja família controla hoje um grupo de em-

presas de comunicação, construção e um banco. Góes tem boa aceitação na bancada federal e um amplo leque de articulações possíveis. Uma delas está a apenas alguns passos de sua mesa, no escritório que ocupa eventualmente no segundo andar da **Tribuna da Bahia**, no bairro de Sete Portas, em Salvador. Como Góes, Mário Kertész é proprietário de um jornal, o **Jornal da Bahia**, instalado no mesmo prédio, onde uma fina parede separa os candidatos.

Visto com poucas chances dentro do PMDB, o senador Ruy Bacelar é um forte candidato a torrar sem mesmo chegar ao ponto.

Fora dos maiores partidos, ganha corpo Pedro Irujo. Ex-aliado de Antônio Carlos Magalhães, financiou a campanha de Waldir Pires em 86 e foi fiador e principal responsável pela vitória de seu ex-empregado Fernando José nas eleições para a prefeitura da capital, no ano passado. Dono de empresas de transportes e emissoras de rádio e televisão, Irujo, momentaneamente rompido com Mário Kertész, está muito bem com o governador Nilo Coelho, de quem ainda consegue nomeações para cargos no governo do Estado. Ocupado na coordenação da campanha de Fernando Collor de Mello na Bahia, o empresário, de origem basca, ainda não fala em nomes para 90.

Enquanto não se confirmam as informações de que ele mesmo seja candidato, seu filho, o deputado estadual Luiz Pedro Irujo (PRN), de 32 anos, fala pausado como Collor, e prega a punição dos marajás. Dedicase a patrocinar provas esportivas, como o caratê, enquanto prepara o comício que Collor fará em Feira de Santana na sexta-feira, Luiz Pedro dá sua nova receita: "Utilizo o mesmo discurso de Collor". E arrisca: "Sou tão popular quanto ele".